

# A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS  
Rua da Rainha, 125

Responsavel  
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 27 DE JANEIRO DE 1901

## Religio

(A Sua Eminencia,  
o sr. cardinal V. VANUTELLI,  
homenagem e gratidão  
do autôr).

BONUM EST CONFITERI DOMINO  
ET PSALTERE...

Psalm. xci, 1.

Ha um poema enorme, uma epopeia,  
que assombra as gerações  
mais do que o *Inferno*, a *Iliada*, a *Odisséia*  
e o livro de Camões:

em lingua universal está escrito  
e em traços immortaes;  
tem por theatro o mundo e o infinito,  
e mais, se houvesse mais!

O passado, o presente e a eternidade  
a data lhe contém;  
das personagens não se conta a idade,  
e a acção, resume-a o Bem.



Este poema immortal, em que fulgura  
suprema inspiração,  
se a lingua humana o nome lhe procura,  
acha—*Religião!*

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

## Dr. Candido de Figueiredo

De quantos entre nós se interessam pelas letras patrias, não ha quem desconheça este nome que tanto lustre lhes dá. Pouco seria tudo quanto aqui dissessemos dos seus trabalhos poeticos, philologicos e lexicographicos, hoje que temos o contentamento de apresentar aos nossos leitores o seu retrato e uma interessantissima poesia inedita do notavel escriptor.

A sua biographia tem sido por varias vezes feita em differentes publicações—*Mala da Europa, Artes Livres*, etc. Por isso nos dispensamos de repetir o que pennas mais aparadas escreveram já.

A *Educação Nacional* vae publicando uns interessantes artigos do snr. dr. Candido de Figueiredo, sob a epigrapha—*O que se não deve dizer*, nos quaes se encontra muito que aprender.

N'esta leve referencia vae significada a nossa respeitosa homenagem ás apreciaveis qualidades de talento e de caracter do snr. dr. Candido de Figueiredo.

## Carta

A VASCO LEÃO

Meu amigo  
Ao teu pedido

Vou n'um prompto responder:  
Mas, versos... não é commigo,  
Pois já os não sei fazer.

A Minha Musa coitada  
Ha um certo tempo p'ra cá  
Anda muito estropiada  
E inspiração não me dá.

Tem uma queixa de peito,  
Bronchite, e mais não sei quê,  
Tosse de noite sem geito,  
E quasi, quasi não vê.

Portanto já podes ver  
Que uma musa n'este estado  
Nem mesmo ajuda a fazer  
Maus versos de pé quebrado,

Pode ser que lá p'ra diante,  
Se ella entrar em tratamento  
E ficar forte, possante,  
Muito a meu contentamento

Que eu lhe peça inspiração  
P'ra quaesquer cousa de geito,  
E esse teu pedido então  
Ha-de ser bem satisfeito.

Mas hoje não pode ser,  
Desculpa, meu caro amigo;  
Versos, não... antes morrer  
Do que tal. Agora digo

Muito aqui a puridade  
Um segredo, com recato,  
Se perdoares a liberdade,  
Talvez... te mande o retrato.

1901—13—1.º

ANTONIO DE LEMOS.

## Poétas mortos

(Continuado do n.º 19)

Dos — *Dispersos* — de Eduardo Coimbra, vou transcrever mais um soneto por achal-o bello na sua simplicidade compassiva e tambem porque elle nos mostra, como eu já disse, quanto o distincto poeta amava a natureza representada em uma scena campestre.

Esse soneto, dedicado ao illustre escriptor Luiz de Magalhães, intitula-se:

### Paysagem

O sol vae-se escondendo lentamente  
por detraz das montanhas silenciosas,  
e na verdes folhagens rumorosas,  
poisa, cantando, um rouxinol dolente.

Dos campos já não chega o som tremente  
das alegres cantigas vaporosas;  
as raparigas voltam fadigas,  
olhando os namorados docemente...

Lentos carros de bois pas-sam, chiando;  
na taberna d'scoute-se, altercando,  
a colheita—*que a chuva é bem precisa*...

Na estrada regateia uma visinha;  
e anda a correr atraz d'uma gallinha  
um pequenito em fralda de canjica.

Nada mais simples nem mais verdadeiro,  
Lendo-se esse soneto ficamos sabendo bem nitidamente o que é um pôr do sol na aldeia; e ficamos tambem sabendo que o poeta conhecia a aldeia... como eu a conheço. E é assim. Tudo quanto elle diz é a expressão da verdade.

Em 1883 e por iniciativa minha (não deixemos os nossos créditos por mãos alheias) fundou-se no Porto um Club dramatico do qual fui presidente, sendo 1.º secretario o Eduardo Coimbra e 2.º o Luiz d'Aviles Pinto Basto, rapaz intelligentissimo e nosso condiscipulo. Houve sessões memoraveis e discussões

sões acaloradas em o nosso Club cuja séde foi, ao principio, no palacete da quinta dos Pintos Bastos confinante com os bosques do Palacio de Chrystal — uma belleza de quinta; tudo quanto ha de mais poetico, de mais pitoresco, de mais encantador—. Depois de renhidas discussões e mutuas descomposturas, accordou-se em dar um espectáculo gratuito e offerecido ás damas portuenses, no theatro de Gil Vicente annexo á grande nave do Palacio de Chrystal.

A ideia era realmente feliz e encantadora—a esperançosa mocidade das eschololas, os homens do futuro, offerecer generosamente, gratuitamente um formoso espectáculo no theatro mais distincto da cidade ás bellas damas do Porto—; era grandiosa a ideia, mas... (eu sempre embirrei com esta conjunção por ella ser um derivativo de coisas inopportunas) mas... não havia aquillo com que se compram os melões! Nós todos, embora pertencessemos, pela maior parte, a familias mais do que remediadas, não possuíamos vintem que dar para o grandioso espectáculo.

Em os nossos bolsos só havia... cotão, e com isso, infelizmente para nós, não se podia pagar o aluguer do theatro, o gaz, a orchestra, os vestuarios, e todas essas horrendas coisas que deveriam ser pagas com dinheiro de contado, porque o snr. Vieira Cruz não era homem que nos fiasse nem uma de X. E tinha razão o director do Palacio; porque se cahisse na concessão de receber o aluguer após o espectáculo, apanhava um calote... oh! que calote! E os accionistas do Palacio a cahirem sobre o snr. Vieira da Cruz pedindo-lhe contas dos pingues rendimentos das suas acções e talvez que mentecaptisando a gerencia do mesmo! Deveria ser horrivel tal acontecimento! Felizmente que para os logrados accionistas o gerente do Palacio não aluga, nem alugará nunca qualquer dependencia do Palacio sem massas á vista...

Uma bella noite, quando, no Club, nos olhávamos tristemente, sem termos ainda resolvido como se deveria dar o espectáculo gratuito sem haver dinheiro para isso, levantou-se um rapaz querido de nós e para nós altamente sympathico e admirado pelo seu talento, pela sua bondade, pela sua lhaneza de carácter e pela sua grande habilidade em representar papeis comicos em theatrinhos particulares, que, com voz vibrante e entusiastica disse que—o melhor meio de sair de difficuldades seria abrir uma subscrição publica ou antes, particular, nomeando-se para isso uma commissão que trataria de angariar donativos de todas as familias das suas relações emquanto que os estranhos á mesma commissão os angariavam nas suas proprias familias.

Foi uma revelação e uma ideia entusiasticamente applaudida; e o seu auctor Luiz José de Lima, secundanista de mathematica, foi abraçado e cumprimentado por todos os socios do Club.

O Coimbra, depois de ouvir attentamente a arenga do Luiz Lima, assistindo silencioso ás aclamações com que ella fôra premiada, levantou-se e pediu licença para usar da palavra.

—Concedida, respondi agitando a campainha para impôr silencio aos irrequietos rapazes.

—Meus senhores, principia Eduardo Coimbra, ou eu sou muito burro, ou o Luiz de Lima ainda é mais burro do que eu...

—Apoiado! Apoiado! gritaram varias vozes.

—O termo não é parlamentar, continuou o Coimbra imperturbavel, mas é verdadeiro na actual situação. Pois então nós queremos offerecer um espectáculo ás pessoas das nossas relações, um espectáculo onde não pode entrar ninguem que não seja convidado, um espectáculo gratuito, enfim; e o Luiz de Lima apresenta o alvitre de se nomear uma commissão que vá angariar donativos pelas casas d'essas mesmas pessoas que deverão assistir ao espectáculo e vocês, corja de quadrumanos, approvam essa tremenda tolice? Pois não veem que um espectáculo dado n'essas condições é pago e não gratuito? Que dizeis a isto? Que respondeis ás minhas sensatas ponderações, ó descendentes do macaco?

—Fôra o urso! Fôra o urso! berriaram congestionados os membros da assembleia, a neaçando com os punhos fechados a placida figura do Eduardo Coimbra.

Foi um berreiro infernal que durou meia hora e ao qual eu não pude pôr côbro tocando a campainha desesperadamente; foi necessario pegar na cadeira presidencial e partil-a sobre a meza para que os animos exaltados socegasse um pouco!

—Ora até que deixaram de ladrar! bradou o Coimbra quando viu tudo socegado.

D'esta vez ia sendo séria a scena porque alguns mais exaltados, com a cabeça completamente perdida, chegaram a ativar com as cadeiras contra o meu presado secretario! Era um barulho ensurdecedor, indescrivel! Parecia uma sessão nas camaras dos deputados em dia de discurso dos srs. Alpoim ou Beirão!

Terminou finalmente o chinfrim porque tudo tem um termo n'este mundo. Os animos socegarão pouco a pouco, as discussões acabaram. Eu, que havia interrompido a sessão e abandonado a meza presidencial, retomei o meu logar, toquei furioso a campainha e bradei:

—Está reaberta a sessão; e, agora, vejam se se portam como homens e não garotos de jornaes!

Casa d'Arca.

(Continúa)

25—1—901.

VASCO LEÃO.

## INFELIZ AMOR

Ao pé d'uma cidade á beira-mar  
Onde tocam paquetes do Brazil,  
Ha um convento branco a acenar,  
Como alvo lenço n'um adeus febril.

Dentro d'esse convento—terno lar—  
Ha uma linda menina tão gentil,  
Que passa a vida sempre a soluçar,  
Quer morra o outomno, quer renasça o Abril.

Amou um dia um lindo cavalleiro,  
Que tinha sido o seu amor primeiro,  
Mas foi p'ra guerra e nunca mais voltou.

E então ella fiel a quem amou,  
Foi enterrar seus sonhos no convento  
Para alli acabar seu sofrimento.

Braga—900.  
*Do «Outomno»  
em preparação.*

LOPES D'AZEVEDO.

## EM LISBOA

(PAGINA DAS MINHAS «MEMORIAS»)

**P**or uma tenebrosa madrugada d'outubro, fugido a um sabio Herodes degolador de innocentes como eu, achei-me caminhando sobre Lisboa n'um wagon de comboyo.

Tinhamos parado junto d'uma estação pequena e triste fracamente allumiada e, olhando á portinhola distingui para longe uma arcaria perdendo-se na treva. Perguntei bocejando:

—Onde estaremos nós?

Meu pae pausadamente tirou o relógio, olhou tambem para fóra e respondeu ageitando-se commodamente nas almofadas:

—Não sei. E' ainda muito cedo... talvez Santarem... são quatro e meia... devemos chegar ás seis.

Novamente, como elle, me encolhi na bancada entretendo-me a contemplar com olhos somnolentos os companheiros de viagem. Havia uma senhora de palpebras vermelhas e tumefactas que amparava no regaço a cabecita loira d'uma creança, e um rapaz com a face coberta de espinhas e raros pellos de barba. Entretanto estrepitosamente o comboyo atravessava um tunnel.

—Um tunnel exclamei... estamos n'um tunnel!

Meu pae observou com espanto.

—Então passamos Campolide... mas é impossivel... tão cedo!

—Lá que estamos n'um tunnel estamos, retorqui; e logo me puz ageitando embrulhos tirados da rede.

Immediatamente uma claridade forte inundou-nos e vozes gritaram:

—Lisboa!

—Hotel Francfort!

—Hotel Borges!

Seguimos um corretor.

Cá fóra chovia uma chuva miudinha como nevoeiro. Descemos dois lances de escadas. Em baixo o homem pediu as chaves da bagagem.

Dei-lh'as, mas tão desastradamente que uma rolou no passeio.

De cocoras, eu e elle, procuramo-la longo tempo accendendo phosphoros. Meu pae dizia já que deixassemos, que se arrombasse a malla, quando afinal a topamos.

Tal foi a primeira impressão que recebi de Lisboa. Por isso depois, em cartas de amizade, tanto berrei contra aquella lama impossivel em que tive de sujar os dedos logo de entrada.

Muito mais grata para mim é a lembrança da arcaria, indecisa que vira em Campolide e a cuja sombra tantas horas havia de passar.

Quando na agua furtada da Patriarchal me vinha, no meio do rudo, a nostalgia do socego, quando o olhar se me cançava de fitar o Tejo, a cupula da Estrella, os cyprestes d'um cemiterio, os muros da Penitenciaria, o elevador do Lavra subindo uma ingreme ladeira, a Graça, o castello de S. Jorge, (que tudo eu via do telhado onde procurava espalhar o meu aborrecimento, terrificando os companheiros de casa que a cada momento julgavam ver-me cahir d'essa altura de quatro andares) era para lá que eu fugia, atravessando a rua da Eschola, o largo do Rato, as Amoreiras e descendo por um carreiro estreito que tinha á esquerda um muro de quinta com largo portão onde ladravam cães guardando ovelhas. Para o outro lado erguia-se o collegio dos jesuitas e não sei que instalação de religiosas.

—Que havia sempre freiras onde havia frades, tinha dito um velho asqueroso que me pedira esmola arrimado a um pau.

Ao fundo descia um regato onde mulheres lavavam cantando e havia um edificio velho decorado com um letreiro onde se lia em caracteres estranhos:

*Restaurant do Ferro de Engomar*

Mas era mais além no sitio que chamavam da Rabiga, mesmo debaixo dos Arcos das Aguas Livres, que eu me esquecia sóinho a contemplar o ribeiro e as gottas d'agua que cahiam de cima lentamente por fissuras das pedras mal juntas.

Rememorava então velhos casos tetricos lidos em creança d'esse Diogo Alves que arremessava cá baixo os transeuntes incautos, depois d'uma boa limpeza d'algebairas fazendo augmentar extranhamente a estatistica dos suicidios (ao que se pensava).

Porém a maioria das vezes era para essa velha terra de Guimarães, tão differente d'aquella em que vivia, no modo de trajar, de fallar e em todas as manifestações da vida que me fugia o pensamento. Então era tal a

vontade de crear em volta de mim um horizonte conhecido e amigo que esses montes aridos, cobertos d'uma herba rasteira e empoeirada conseguiam dar-me a sensação d'outros montes onde abrem as flôres amarellas do tójo e onde crescem os pinheiraes cerrados.

An'e mim como no panno branco d'um animatographo, passavam doces e amadas figuras que pareciam olhar-me e sorrir...

(Continúa).

HOMO.

## FRAGMENTO

(A' illustre poetisa bracharense D. Zulmira de Mello)

Aquelle que tem mãe  
Tem por guia uma estrella...  
Desgraçado de quem  
Já sabe o que é perde-la!

E' ficar ás escuras  
Per caminhos d'abrolhos  
A olhar para as alturas  
Com lagrimas nos olhos.

E' viver noite e dia  
Em constante afflicção.  
E' não ver a alegria  
Raiar no coração.

E' fallar num deserto  
E ouvir um echo, alem,  
Indefinido, incerto,  
Dizer: «não tenho mãe!...»

E' estender os braços  
Sedentos de carinhos  
A procurar abraços  
E rasga-los de espinhos.

E como é triste um lar  
Não tendo fogo e luz?!  
Nem me quero lembrar  
De tão penosa cruz!

SILVA GONÇALVES.

## INVERNO

**R**ecostado indolentemente numa poltrona, no seu rico gabinete de leitura, Fernando da Silveira fumava um delicioso charuto, entreteendo-se a ouvir a chuva, que batia pesadamente nas vidraças.

Era-lhe meigo aquelle conforto solitario e quente, entre livros, pelo socegado duma noite feia.

Casado, ha poucos mezes, puséra ponto á vida orgiaca depravada de estroina elegante, em que se lhe fora não pouco da sua boa fortuna.

Remontando a essa bohemia, que se dissolvera com o matrimonio, vendo deslizar um cortejo fascinante de doçices sensuais, e descendo a encontrar-se marido serio

e estimavel, advogando com exito, recolhendo-se a estudos amenos, amado por sua mulher—uma adoravel senhora de boa sociedade—sentia-se feliz, satisfeito, por aquella noite de inverno, sentado pacatamente a saborear um bom charuto e ouvindo os rufos descompostos, que a chuva tamborilava nas vidraças.

Acabára de ler a «Meia-Noite» do feliz dramaturgo e conspicuo homem de letras, D. João da Camara, que lhe deixára uma impressão agradável a realçar mais o sabor daquelle bem estar.

Pensava aquella romantica Romana, á janella quadrada dos telhados da Sé de Lisboa, a murmurar, como em ballada: «Cada luz que se accende parece dizer-me: «viva lá!» e, quando se apaga: «boas-noites». Tudo é silencio, trevas, quietação... sonhos!...» E no ultimo acto ainda a dizer «dorme a cidade. Noite negra, noite de immensa paz! Meia-noite! Meia-noite!»

Meia-noite! E pensava como era terno ouvil-a tombar, em alguma torre velha, assim—feliz, casado... E o relógio da sala deu doze pancadas. Fernando estremeceu. Meia-noite!

—«E' meia-noite, disse, numa voz de crystal puro, entrando no gabinete, uma formosa mulher.»

—«Estava aqui embrenhado em delicias. Sentia-me bem, pleno de ventura, sem ambições, sem mais desejos. Como é agradável esta vida! Escuta... ainda fustiga a inverno, vai carregada e feia a noite. O aconchego da casa, a felicidade doce deste desprendimento mundano...»

—«Estás enleado».

—«Ah! sou feliz, crê-o, inteiramente feliz.»

E osculou-a nos labios, a sorrir-se, meigo, sympathico, fascinado.

E, nas torres, iam cahindo badaladas. Alguns gallos cacarejavam.

19—1—1901.

## 'STRELLA MATUTINA

(A SEBASTIÃO GOMES, MEU AMIGO)

Morriam pelo espaço as notas sideraes,  
—Musica suave d'auroras divinas!  
Havia pelo mundo irradiações de luz;  
Nascera num presepe o corpo de Jesus!  
Ao pé do berço triste, amargurada, fria,  
Sentara-se, scismando, a virginal Maria.

A filha da Judeia, a candida cecem  
Previo, fitando o filho com olhar de mãe,  
A sua senda triste, horrenda e dolorosa!  
E pallida, bella, tremente e lacrimosa,  
Rolou-lhe pela face, a perola mais fina,  
A lagrima d'amor celestial, divina,  
Que aujo seductor, com azas cor d'arminho,  
No peito agasalhou, fazendo d'elle um ninho.  
E alegre a cantar, vindo pelo espaço,  
Foi depol-a de Deus, humilde, no regaço  
... E a lagrima refulgente de Maria  
E' 'strella que mais brilha ao terminar do dia!

Guimarães, 20—XII—900.

SILVIO.



Fazem annos as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup>:

Dia 29—D. Josephina Coelho Martins  
Guimarães.

Fevereiro—2—D. Angelina Infante.

E os ex.<sup>mos</sup> srs.:

Janeiro:

29—José Luiz de Pina.

31—João Augusto Pereira d'Eça de  
Chaby.

### Notas intimas

Tivemos hontem o prazer de cumprir o nosso estimado collaborador snr. João de Meira, o qual está quasi restabelecido dos seus incommodos, o que sinceramente estimamos.

\*

Hontem tambem fomos agradavelmente surpreendidos pela estimada visita do nosso conterraneo e collaborador, snr. Alfredo Lopes de Mattos Chaves, que veio a esta cidade acompanhar sua extremosa mãe.

Hoje no comboio da tarde regressa novamente a Coimbra. Feliz viagem.

\*

Está no Porto o sr. Barão de Pombeiro.

\*

Regressa brevemente de Lisboa o sr. Rodrigo Dias.

\*

Acha-se restabelecido o sr. Domingos Ribeiro da Costa Sampaio.  
Estimamos.

\*

Partiu ultimamente para a capital a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Delfina Carneiro Martins afim de consultar o distincto especialista em doenças d'olhos sr. dr. Gomes Pinto.

Acompanha-a seu filho Francisco.

\*

Esteve ultimamente n'esta cidade o rev.<sup>mo</sup> sr. Padre Ramiro Vieira de Mello, da Amarante.

\*

Obteve 30 dias de licença o sr. Domingos Americo V. de Mello, ultimamente nomeado professor de desenho para o Seminario-Lyceu.

## Casos e Occurrencias

### Tentadora

E' uma admiravel valsa para piano, de avultada concepção e magnifico bom gosto, em que o seu auctor, sr. Annibal Vasco Leão, revela a mais elevada proficiencia na bellissima arte de Verdi.

A's nossas gentis leitoras recommendamos essa preciosidade, que se encontra á venda na rua dos Clerigos, 30—Porto.

Penhorados agradecemos ao nosso bom amigo, a quem «A Memoria» deve já assignalados serviços, a delicada offerta da sua primorosa «Tentadora».

### «Revista de Guimarães»

Recebemos o volume XVII n.<sup>o</sup> 4—outubro—1900, com o seguinte summario:

•I. Assistencia judiciaria, por *Avellino Guimarães*. II. Inscripções ineditas, pelo *Abade Oliveira Guimarães*. III. Catalogo das moedas romanas celtiberas e visigothicas, por *Albano Bellino*.—IV. Boletim, por *J. Gualdino Pereira*.—V. Balanete, por *Manoel Martins Barbosa d'Oliveira*.—VI. Lista dos socios—VII; Indice do XVII volume.

### S. Sebastião dos Milagres

Na igreja parochial tem-se feito com verdadeira pompa a novena a S. Sebastião dos Milagres, e hoje, pelas 3 horas da tarde, depois do sermão, sahirá a magestosa procissão.

### Sociedade Martins Sarmento

Para que os nossos presados leitores possam seguir de perto o entusiasmo que tem despertado a subscripção promovida pela digna direcção d'aquella prestante sociedade para a ampliação da sua casa, principiamos hoje a publicar a lista das quantias que já foram offerecidas:

Camara Municipal de Guimarães . . . . .	400\$000
Direcção da Sociedade Martins Sarmento . . . . .	440\$000
Ex. <sup>ma</sup> Sr. <sup>a</sup> D. Maria Martins Sarmento . . . . .	150\$000

Ex.<sup>mos</sup> Srs. :

Dr. Ayelino da Silva Guimarães e Esposa. . . . .	20\$000
Francisco Jacome . . . . .	20\$000
Padre Antonio Augusto Monteiro . . . . .	15\$000
Eduardo Manoel d'Almeida . . . . .	20\$000
Antonio José da Costa Braga . . . . .	20\$000
Antonio José Pinheiro . . . . .	20\$000
Abade João Gomes d'Oliveira Guimarães. . . . .	20\$000
Domingos José de Souza Junior e Esposa. . . . .	100\$000
José da Silva Caldas . . . . .	5\$000
José Menezes d'Amorim . . . . .	5\$000
Joaquim Pereira Mendes . . . . .	10\$000
Manoel José de Carvalho . . . . .	5\$000
Antonio Alves Martins Pereira . . . . .	5\$000
Padre Antonio Hermano Mendes de Carvalho, (por anno até á conclusão das obras) . . . . .	20\$000
Manoel José de Faria Guimarães . . . . .	20\$000
Antonio Meira . . . . .	10\$000

Somma . . . . . 1:305\$000

## JARDIM PUBLICO

A banda regimental executará hoje, se o tempo o permittir, da 1 ás 3 horas da tarde, o programma seguinte:

## 1.ª Parte

Hymno Nacional.  
Caprice—Polka.  
Fausto—Pot-pourri—Gounod.  
Reverie—Quadrilha de walsas—Waldteufel.

## 2.ª Parte

Othello—Pot-pourri—Verdi.  
Andaluzia—Walsa.  
Le Tige—Ordinario.

## Novidade litteraria

Consta-nos que o nosso collaborador snr. João de Meira (Homo), publicará por occasião do anniversario da morte do dr. Sarmiento um longo trabalho sobre o artigo de Theophilo Braga, inserto no numero unico da «Revista de Guimarães», dedicado ao fallecido archeologo.

## Theatro-circo

A esplendida companhia equestre, realitou hontem á noite, no theatro-circo de D. Affonso Henriques, o primeiro espectáculo que agradou muitissimo.

A companhia tem artistas de bastante merecimento que foram muito applaudidos.

A casa estava á cunha e os camarotes estavam occupados pelas principaes familias d'esta cidade.

Hoje á noite a Companhia Cardinali, realisa o 2.º espectáculo de assignatura.

## Professor

Tomou posse na ultima quarta-feira do logar de professor de desenho do Seminario-Lyceu o sr. Domingos Americo Vieira de Mello.



## O CASTELLO DE LANHOSO E O SANCTUARIO

DE  
Nossa Senhora do Pilar

Perde-se na noite dos tempos a epoca da fundação do castello, mas não assim a do sanctuario. Estas magestosas obras estão collocadas sobre a admiravel e elevada penha do Pilar.

Um abastado negociante da cidade do Porto, André da Silva Machado, natural do logar de Valle de Mil, da freguezia de Lanhoso, pelos annos de 1690 (1) demoliu todos os reductos, bastiões, adarves e casernas do castello e erigiu no eimo d'aquella rocha um templo dedicado, á Virgem do Pilar, com capellas e quarteis pararomeiros. Descendo até ao sope da rocha, pelo nascente, segue

uma calçada em zigue-zague, com capellas nos angulos, representando scenas da paixão de Christo, e terminando n'uma grande e bem executada capella octógona, na qual se venera a imagem do Senhor no Horto e admira a boa execução da tribuna, trabalho do insigne artista Thomaz Antonio Ferreira Sampaio, que morreu antes de completar quarenta annos; era natural da freguezia de S. Gens, d'este concelho de Lanhoso.

A referida imagem está de joelhos dentro d'um magnifico oratorio envidraçado tendo ao lado o anjo com o calix.

Este oratorio está collocado por cima do altar-mór e faz parte importante da tribuna.

Foi o templo e sanctuario de Nossa Senhora do Pilar o primeiro que no reino se erigiu debaixo da dita invocação, sendo o primeiro em Lisboa, S. Vicente de Fóra, e o segundo na serra do Pilar, do Porto.

Sobre a elevada e admiravel rocha de Pilar, que se levanta magestosa a norte e a um kilometro de distancia d'esta villa, ostenta-se ufana a antiquissima torre de menagem do castello de Lanhoso, outr'ora fortaleza de valor e terror dos arabes.

Nos dois lados, norte e sul, acham-se incrustadas na muralha da torre duas pedras com o escudo portuguez, como actualmente é, das quaes se conhece claramente que ali foram introduzidas muito depois da edificação do castello, não devendo restar a minima duvida sobre as heroicas façanhas que ali se deram no principio da monarchia portugueza.

Ignoramos a epoca em que as ditas pedras lá foram collocadas, porém, diz o snr. Azevedo Coutinho, «devia ser depois de conquistado o Algarve por D. Affonso III, que lhe deu por armas sete castellos d'ouro sobre campo vermelho, que, depois por determinação do mesmo monarcha, se uniram ás quinuas, formando o escudo real portuguez. Os sete castellos, pois, denunciam que a collocação das mencionadas pedras foi posterior a este facto historico, e que aquelle antiquissimo castello se conservou pertença real.»

Foi o castello morada d'uma rainha, alojamento d'outra e da robeza de Portugal e Hespanha, durante o tratado de paz entre as duas rainhas irmãs belligerantes, D. Tereza de Portugal e D. Urraca de Castella, tratado que muito concorreu para a independencia de Portugal.

Povoa de Lanhoso.

FRANCISCO M. M. D'OLIVEIRA.

(1) Sanctuario Marianno tomo IV, pag. 156.

## A MEMORIA

Accusa-se a recepção de quaesquer publicações, quando enviados 2 exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Albano Pires de Souza.

## A. VASCO LEÃO

Vinho verde puro engarrafado  
DA  
QUINTA D'ARCA

A' venda na mercearia do  
ex.<sup>mo</sup> snr.

SILVESTRE GOMES TEIXEIRA

—Largo do Toural—  
GUIMARÃES

ARNALDO PEREIRA

## LAGRIMAS D'ALMA

1 volume de poesias, preço 500 reis

Pedidos ao auctor  
Guimarães

## VIDA E AVENTURAS ADMIRAVEIS DE Rubinson Crusóé

Este celebre romance de Daniel Defoe, d'uma leitura absolutamente inofensiva é repleto ao mesmo tempo d'attractivos e aventuras maravilhosas passadas em muitas regiões ainda hoje pouco conhecidas, constitue um dos mais preciosos brindes que se podem offerecer a uma creança.

A obra completa formará um unico volume in-4.<sup>o</sup> grande e n'um formato elegante.

A Empreza offerece a todos os srs. assignantes um valioso brinde

Reprodução d'um dos melhores quadros existentes

NO  
MUSEU NACIONAL DE BELLAS-ARTES

Cada fascículo semanal de 16 paginas e uma bella gravura em separado ou duas gravuras intercaladas no texto e uma capa

50 réis

Pedidos á Empreza do

Cada série mensal brochada, com 80 paginas e 7 e 8 gravuras, sendo 2 ou 3 em separado e uma capa illustrada.

250 réis

ATLAS DE GEOGRAPHIA UNIVERSAL

—LISBOA—

# TYPOGRAPHIA

DE

ALBANO PIRES DE SOUZA  
ANTIGA SILVA CALDAS

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mapas, memoranduns, acções, cheques, enveloppes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.  
Carimbos de borracha, metal e madeira.